



O oito (barracas) e o oitenta (prédios) nesta Amadora a comemorar 29 anos como município.

AMADORA

DE ALDEIA A FREGUESIA, DE FREGUESIA A VILA, DE VILA A MUNICÍPIO, DE MUNICÍPIO A CIDADE. EIS OS PASSOS DO SÉCULO XX.

Passados 24 anos, as girândolas de foguetes daquele dia 11 de Setembro de 1979 ainda perduram no ouvido dos mais antigos, como é o nosso caso, ao assinalarem uma das datas mais festivas e históricas da Amadora, e dizemos uma das datas por terem existido outras, também de regozijo, sem as quais não teria sido possível chegar até ali, estamos a pensar na elevação a freguesia, em 17 de Abril de 1916, e, depois, a vila a 24 de Junho de 1937.

Muita coisa mudou depois desta data (1979), muita coisa necessita ainda de mudar, a localidade passou a andar sozinha, pelos seus próprios meios, abraçou voluntariamente o estatuto de município e deu passos bem importantes a justificarem a passagem da Amadora ao mais alto nível da administração municipal.

Antes da autonomia administrativa como concelho, muita gente veio a terreiro levantar a voz, mas também a comunicação social acompanhou de perto os anseios da população, como foi o caso do jornal "Nossa Terra", de Cascais, de 30 de Maio de 1959, pegando nas palavras (corajosas, pois a polícia e a censura não permitiam críticas ao sistema) do presidente da junta de freguesia da Amadora, a dar prioridade, nessa altura, aos indigentes e pobres, cujos problemas eram de difícil resolução. "A febre da construção, dizia aquele autarca, tem chamado à vila gente de todas as partes, sem profissão definida, que se desloca um tanto à aventura, na mira dos melhores proventos, o que é um problema grave, pelas constantes faltas de trabalho...".

Nesta altura existiam muitas famílias pobres na Amadora, cujo número foi evoluindo com o desenvolvimento demográfico.

A existência de apenas um posto médico, administrado pela própria junta de freguesia, desde 1957, pouco ou nada mais em termos de assistência médica e medicamentos, daí as preocupações irem para os doentes sem recursos, mas também existia um lactário e a sopa dos pobres. Aqui fica uma ideia do pouco existente, mas as preocupações iam também para os bairros de lata a proliferarem por todos os lugares, assunto ainda hoje, ao fim de quatro décadas, a dominar as atenções dos responsáveis administrativos.

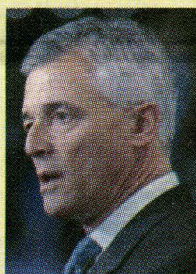
Voltando mais atrás, em 1951 o "Gazeta do Sul" (Montijo), escrevia: (...) *administrativamente, a Amadora é uma freguesia (...) a distância a que fica da sede do concelho (Oeiras) e falta de transportes directos para lá, são males que trazem outros. Longe da vista, longe do coração. Do mesmo se podem queixar os moradores da Damaia, Venda Nova, Falagueira, Alformel,*

Azinhaga dos Besouros, Reboleira, Buraca e dos casais de Vila Chã, Garoto, Canas e Outeiro, que se vêem obrigados a maior parte das vezes a calcorrear grandes distâncias e maus caminhos, para obter da junta de freguesia um simples atestado de residência ou uma guia para o hospital.

Ainda a esse respeito, só uma vez por semana, aos sábados, vai um portador oficial da Amadora a Oeiras, com as guias de câmara para o hospital para serem assinadas pelo Presidente da Câmara, e que estão de volta na semana seguinte (...)."

"Jornal da Costa do Sol", num texto de Luís dos Santos Costa, datado de 3 de Janeiro de 1970, referia o seguinte, entre outras considerações: "... cremos que o direito à civilização implica o direito ao desfrute de condições higiénicas, na escola, no transporte, na habitação, etc., em relação com o direito à saúde, implícito, também, naquela intenção global de maturidade da cultura de qualquer país..., para concluir: não é, portanto, por ironia, mas é sintomático, que parte dos limites da freguesia da Amadora, coincidentes

(Continua na página 8)



UM AMIGO DE PORTUGAL MORRE NO IRAQUE

A morte de Sérgio Vieira de Mello, vítima do atentado no Iraque, deixou a diplomacia pela paz mais pobre, pois este tribuno, ao serviço das Nações Unidas, deixou vago um lugar difícil de preencher.

Sérgio Vieira de Mello gostava do que fazia e as várias missões desempenhadas, muitas delas bem complicadas, eram um garante da paz, do diálogo, da compreensão entre as partes em litígio.

Um grande amigo de Portugal, era casado com uma francesa, daí terem os seus restos mortais sido depositados junto da mulher e dos filhos.

Um homem de língua portuguesa a fazer falta à diplomacia internacional.

AMADORA

DE ALDEIA A FREGUESIA, DE FREGUESIA A VILA, DE VILA A MUNICÍPIO, DE MUNICÍPIO A CIDADE. EIS OS PASSOS DO SÉCULO XX.

(Continuação da página 1)

com os limites dos concelhos de Lisboa, Loures e Sintra, estejam assinalados pela existência de barracas: Estrada da Circunvalação, Buraca, Estrada Militar, Correia, Pontinha. A poente, aquela inumerável fila onde se alinham, em progresso quantitativo, pessoas e coisas. Também a barracaria da Roiçada, da Quinta do Albino, do Elói, do Neves, da Terra da Laje e outras mais, faz com que a Amadora seja vila "privilegiada"...

Também o jornal "Novidades", de 15 de Janeiro de 1961, interrogava o seguinte sobre a Amadora: "...Será na verdade vantajosa a sua subtracção ao concelho de Oeiras? E se se constituisse a freguesia da Damaia,

desmembrando-a da da Amadora? E se ainda se pensasse no estabelecimento de uma rede de autocarros que interligasse toda a área da Amadora e Oeiras, a preços convidativos para as deslocações...?

Pedia-se, para além disso, a reparação dos passeios, a criação de um bairro para pobres para acabar com a situação dos que acampam em Alfornelos e na Quinta da Correia, passagens subterrâneas no caminho de ferro nas estações da Amadora e Damaia, a construção de um miradouro no Alto dos Moinhos, policiamento, cabinas telefónicas, táxis, liceu, igreja, escolas primárias, parques desportivos e infantis, mercados, etc. Estas as realizações que os residentes na Amadora aguardam há muitos anos, como

dizia o então presidente da Junta, Adriano Ferreira de Lemos, num pedido tímido (1961), quando o exigir melhor qualidade de vida era considerado subversivo.

VEIO O CONCELHO E DEPOIS A CIDADE

No dia 11 de Setembro de 1979, veio o diploma da Assembleia da República, com a passagem da Amadora a Município, e depois, em 18 do mesmo mês, a elevação da cidade, ficava, assim, conquistada a maior aspiração dos amadorenses, depois de uma espera de algumas dezenas de anos. Nasce, assim, uma nova condição administrativa, maiores exigências vindas com a luta da emancipação.

O sentimento de quantos acompanharam esta ascensão, e eram muitos milhares, tornou-se um dos grandes desafios, com a abertura de uma nova fase na história da localidade.

Um direito próprio concretizado há 24 anos. Com isso a Amadora deixou de ser o dormitório de Lisboa, passou a tratar dos seus próprios problemas e deixou de ir a Oeiras "por tudo e por nada".

Cabe aos amadorenses fazer a contabilidade do "activo" e do "passivo" em termos das melhorias trazidas pela passagem da localidade a município. Cada um tirará as suas conclusões, mas o saldo será, com certeza, bem positivo.

Ficamos por aqui nesta Amadora em festa.